



## A prática do futebol e futsal para acadêmicas do curso de Educação Física

*Soccer and futsal practice for physical Education Students*

*La práctica del fútbol y futsal para estudiantes de Educación Física*

Ana Vivian Araújo Farias<sup>1</sup>



Carla Chagas Ramalho<sup>2</sup>



### RESUMO

O objetivo geral do estudo foi investigar como ser mulher interfere na prática do conteúdo de futebol e futsal no curso de graduação em Educação Física (EF) licenciatura, na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Utilizou-se como método o materialismo histórico-dialético e o instrumento metodológico foi o questionário passado de forma virtual. O questionário continha questões abertas e fechadas e foi distribuído online, via Google Forms, obtendo 12 respondentes. Ao final da pesquisa, foi possível analisar que os desafios, de natureza multifacetada, podem restringir a participação feminina nessas práticas esportivas, prejudicando a capacidade de desenvolvimento pessoal, social e físico que esses esportes oferecem. O resultado permitiu concluir que, nas aulas das disciplinas de futebol/futsal da referida universidade, é possível observar diferenças que incluem oportunidades limitadas, baseadas em estereótipos sobre a falta de habilidades e experiência corporal das mulheres, além de exclusão social e dificuldades na comunicação.

**Palavras-chave:** Mulher; Futebol; Futsal; Educação Física.

### ABSTRACT

*The general objective of the study was to investigate how being a woman interferes with the practice of football and futsal content in the undergraduate Physical Education (PE) teaching degree program at the State University of Montes Claros (Unimontes). The method used was historical-dialectical materialism, and the methodological instrument was a questionnaire administered virtually. The questionnaire contained open and closed questions and was distributed online via Google Forms, obtaining 12 respondents. At the end of the research, it was possible to analyze that the multifaceted nature of challenges can restrict female participation in these sports practices, impairing the personal, social, and physical development that these sports offer. The results allowed us to conclude that, in the football/futsal classes at the mentioned university, differences can be observed, including limited opportunities based on stereotypes about the lack of skills and bodily experience of women, as well as social exclusion and communication difficulties.*

**Keywords:** Woman; Soccer; Futsal; Physical Education.

<sup>1</sup> Licenciada em Educação Física na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Montes Claros/MG – Brasil. E-mail: anafarias55@live.com

<sup>2</sup> Graduada em Educação Física, Especialista em Gênero e Sexualidade, Mestre em Educação e Professora do Departamento de Educação Física e Desporto da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Montes Claros/MG – Brasil. E-mail: carlaramalho.ccr@gmail.com

## RESUMEN

*A análise do processo de ensino aprendizagem na 4ª etapa da educação de jovens e adultos se deu em razão do objetivo geral del estudio fue investigar cómo ser mujer interfiere en la práctica del contenido de fútbol y futsal en el curso de licenciatura en Educación Física (EF) en la Universidad Estadual de Montes Claros (Unimontes). Se utilizó como método el materialismo histórico dialéctico y el instrumento metodológico fue un cuestionario administrado de forma virtual. El cuestionario contenía preguntas abiertas y cerradas y se distribuyó en línea, a través de Google Forms, obteniendo 12 respuestas. Al final de la investigación, fue posible analizar que los desafíos, de naturaleza multifacética, pueden restringir la participación femenina en estas prácticas deportivas, perjudicando la capacidad de desarrollo personal, social y físico que estos deportes ofrecen. El resultado permitió concluir que, en las clases de las disciplinas de fútbol/futsal de la mencionada universidad, es posible observar diferencias que incluyen oportunidades limitadas, basadas en estereotipos sobre la falta de habilidades y experiencia corporal de las mujeres, además de exclusión social y dificultades en la comunicación.*

**Palabras clave:** *Mujer; Fútbol; Futsal; Educación Física.*

## 1. INTRODUÇÃO

As discussões sobre sexo, gênero, preconceito e a presença das mulheres nos esportes estão em alta, mas no Brasil, ainda há uma escassez de estudos sobre as mulheres no esporte sob uma perspectiva de gênero (Devide, 2005), carência que se amplia quando direcionada para a perspectiva crítica de análise. O futsal, amplamente praticado no contexto escolar, historicamente enfrentou desafios quanto à participação das mulheres, refletindo uma cultura de dominação masculina. No entanto, tem havido progressos no aumento do número de praticantes femininas. A dicotomia entre esportes "para homens" e "para mulheres" ainda persiste, influenciando a percepção e a prática esportiva.

A relação entre o futebol/futsal e o sexo/gênero é relevante, especialmente considerando o aumento da popularidade desses esportes (Anjos et al., 2018). No entanto, o futebol feminino ainda enfrenta obstáculos como baixa visibilidade na mídia, salários inferiores e estigmatização. Essas questões também se refletem no ambiente escolar, influenciando a prática esportiva e as aulas de Educação Física.

A presença feminina no futsal enfrenta desafios desde o início, mas a Educação Física Escolar pode desempenhar um papel importante na aceitação das mulheres nesse esporte, seja fortalecendo ou desconstruindo preconceitos (Daólio, 2003). O ambiente escolar deve ser democrático e proporcionar igualdade de oportunidades, respeitando as particularidades individuais (Saraiva, 1999).

Dada esta realidade, este estudo tem como objetivo central investigar como ser mulher interfere na prática do futebol e futsal no curso de licenciatura em EF na Unimontes. Além disso, visa identificar os obstáculos enfrentados pelas graduandas ao analisar diferentes tratamentos durante as aulas e examinar os preconceitos reproduzidos nessas situações.

O método de pesquisa utilizado foi o materialismo histórico-dialético (Netto, 2011), que busca a compreensão ampla do fato dentro da totalidade. A base material entendida de forma conjunta com a historicidade e a dialeticidade pertinente ao movimento social. Como instrumento de pesquisa, a pesquisa bibliográfica e um questionário (Gil, 2008) aplicado virtualmente, por meio da ferramenta *Google Forms*, às acadêmicas do último período de licenciatura em Educação Física da Unimontes no

segundo semestre do ano de 2023. Os resultados foram analisados com base em uma categorização pós-determinada (Minayo, 2002).

Portanto, este estudo é relevante no contexto do ensino superior, pois relaciona esporte, Educação Física e sexismo. Pois é, essencial compreender as experiências, práticas e dificuldades das acadêmicas de Educação Física em relação ao futebol e futsal, a fim de analisar os preconceitos reproduzidos nessas práticas esportivas.

## 2. MULHER E ESPORTES

Nesta seção, será fundamentada a categoria mulher e esportes, que servirá como base teórica para a sequência desta pesquisa. A categoria mulher trazida nesta pesquisa é embasada na materialidade, corroborada por Lerner (2019), que a define como um sexo, o sexo feminino, complementada por Beauvoir (2019, p. 11, grifo nosso):

Não se nasce mulher, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a **fêmea humana** assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.

Desta forma, à pessoa do sexo feminino (mulher) é atribuída toda marca social, econômica e histórica que influencia diretamente a sua vida cotidiana. Esta é a categoria *mulher* que será analisada neste trabalho. Mesmo havendo distinções de etnia, classe social, faixa etária, etc., ser do sexo feminino as une na mesma categoria.

Para a definição de esportes, recorreremos a Soares *et al* (1992), que apontam como o esporte é uma produção histórico-cultural que reforça normas sociais na sociedade capitalista. Ou seja, a demanda de competição, rendimento atlético e regulamentação rígida direciona para um controle social “[...] pela adaptação do[a] praticante aos valores e normas dominantes defendidos para a ‘funcionalidade’ e desenvolvimento da sociedade”. (Soares *et al*, 1992, p. 70). Logo, este controle perpassa pelas funções sociais atreladas às mulheres dentro da sociedade atual.

Para que as mulheres tenham a possibilidade de prática esportiva ampliada, foi necessário diversos embates e questionamentos, apresentados de forma micro e macro dentro da estrutura social. Pois, a raiz da discriminação das mulheres na sociedade, incluindo o ambiente esportivo, está presente desde a infância. Desde o nascimento, a diferença na construção do sistema sexo/gênero é nítida. Como, por exemplo, nas festas de chá revelação para descobrir o sexo do bebê ou os enfeites nas portas dos quartos nas maternidades. Na infância e adolescência, o reforço das atividades dentro do sistema sexo/gênero é direcionado para as atividades distintas entre os sexos. Os meninos são incentivados a brincar na rua, jogar futebol e a se defenderem, enquanto as meninas são estimuladas a brincar de boneca, aprender a lavar louça e fazerem as primeiras receitas de culinária. Usualmente é transmitido ou reforçado esse padrão motor sexualmente distinto: “Uma relação entre mulher e passividade motora, e entre homem e atividade física” (André, 2004, p. 71).

No Brasil, em um passado recente, a participação de mulheres no esporte era vista como algo que traria malefícios para seu lado feminino, reforçando a lógica do sistema sexo/gênero, sendo as mulheres destinadas para atividades de cuidados e para a maternidade, como se fosse sua única e exclusiva função social. Durante o período conhecido como Estado Novo foi tomada algumas medidas normatizadoras da prática esportiva feminina. Em 1941 foi criado o Decreto-Lei 3199, que proibia a

participação das mulheres em esportes que não condiziam com a sua natureza. Em seu artigo 54 está explícito: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (Brasil, 1941, p.1).

A partir deste Decreto, as mulheres foram proibidas de praticar diversos esportes que, segundo o pensamento da época, iam na contramão do seu sexo e gênero, ou seja, por ser mulher e porque deveria ser feminina. Segundo Franzini (2005, p. 321), “médicos dedicados à medicina esportiva e que escreviam artigos nos jornais, alertavam sobre as consequências traumáticas e o comprometimento dos órgãos de reprodução [...]”, se elas realizassem a prática esportiva. O Decreto-Lei 3199 só veio a ser revogado no ano de 1979. E somente em 1986 o CND (Conselho Nacional de Desportos) reconheceu a necessidade de estimular a participação das mulheres nos diversos desportos.

Assim, a inserção histórica das mulheres no esporte sempre foi marcada por muitas batalhas, desigualdade e preconceitos. Todavia, ainda há muito a ser discutido a respeito das discrepâncias dos ambientes dos jogos, das condições salariais, da infraestrutura disponível para as práticas esportivas de mulheres e homens, bem como a maneira como as atletas são tratadas até hoje.

### 3. O SEXISMO E O FUTEBOL/FUTSAL

O grupo das mulheres representa a metade da população mundial. Com essa lógica, reconhecendo que o outro grupo é o do sexo masculino (Lerner, 2019), compreende-se que a naturalização da subjugação do sexo feminino é recorrente na sociedade atual, com o propósito de estabelecer hierarquias e manter a ordem pertinente. Desta forma, reconhecendo que nem todas as diferenças entre homens e mulheres são inatas, surge a definição de gênero, importante para a compreensão do sexismo.

As marcas de opressões sociais são atribuídas aos marcadores de gênero. É a partir desses marcadores que se incentiva que mulheres expressem feminilidade e homens a masculinidade. A masculinidade e a feminilidade embutem cobranças sociais que limitam experiências e vivências, como o estímulo a atividade motoras aos meninos e atividades mais passivas para as meninas (Souza Júnior, 2020). O gênero é uma construção social que ocorre através da materialidade do corpo, através do sexo. Assim há o *sistema sexo/gênero*, responsável pela manifestação do sexismo.

O sistema de sexo/gênero estabelece e controla a distribuição das posições sociais de acordo com a lógica da divisão sexual do trabalho. Através dessa lógica, é assegurado que as atividades de cuidado imediato da vida humana, tanto no ambiente doméstico quanto no mercado de trabalho, sejam desempenhadas pelas mulheres, enquanto as atividades relacionadas à produção de bens, gestão de riqueza e defesa ou ataque sejam atribuídas aos homens (Izquierdo; Freitas, 2022).

O sistema de sexo/gênero serve como um dos princípios orientadores da sociedade, as expectativas da sociedade em relação aos indivíduos, a desigualdade de poder, os desejos, os espaços sociais ocupados e as restrições relacionadas ao sexo, têm suas bases fundamentadas em dois aspectos: a biologia e a divisão das tarefas de acordo com o sexo (Izquierdo, 1990).

Conforme Izquierdo e Freitas (2022), certamente o assunto sobre os aspectos físicos não são apenas culturais ou sociais, mas são a consequência da evolução dos indivíduos em correlação com o

ambiente, o que resulta na afirmação de que as mulheres não são objeto de discriminação, e sim resultado desta, visto que as circunstâncias em que se apresentam enquanto organismos vivos as compõem, uma vez que irrelevantes, e que sua inferioridade é um seguimento do sexismo.

A trajetória das mulheres nos esportes aponta para um protagonismo secundário, em decorrência do projeto político de um esporte predominantemente masculino. Segundo Rúbio e Simões (2007), as ações das mulheres brasileiras no esporte obtiveram um lugar de conquista em diferentes cenários sociais, onde o papel social desempenhado pelas mulheres era marcado por implicações, intolerâncias e pela ideologia do sexo frágil, que instituíam limitações a uma vida explícita com atribuições fora do domicílio.

De acordo com Rúbio e Simões (2007), a participação das mulheres no âmbito esportivo mostra que, mesmo com limitações, barreiras físicas foram superadas e isto certificou a capacidade das mulheres de executarem modalidades esportivas exaustivas, contestando o discurso médico estabelecido sobre mudanças biológicas, que estabeleciam o papel social da mulher. Destarte, infere-se que as atletas reconhecem a existência do preconceito no futebol feminino, principalmente pelo fato de serem mulheres e praticarem um esporte considerado masculinizado. É nítida a diferenciação existente entre homens e mulheres, tanto por parte da sociedade que julga a mulher que joga futebol ou futsal, como pela mídia. Esses fatores, assim como a desvalorização feminina nessa modalidade, são consequências de uma cultura esportiva machista que não apoia que uma mulher seja jogadora de futebol.

#### **4. A HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL**

O futebol chegou ao Brasil através de estudantes que estavam na Europa, entre eles Charles Miller, demonstrando que pela prática e valores de seus equipamentos, o esporte era dirigido para pessoas com poder econômico, que em sua maioria eram brancas e do sexo masculino (Broch, 2021). Isso reforça a definição trazida por Soares et al. (1992) sobre a função do esporte na sociedade capitalista, que é reforçar regras e valores sociais.

Com esta distinção, para a classe trabalhadora e para as mulheres, a prática do futebol se tornava distante. Somente em 1921 houve uma recomendação do então presidente da república para a participação de "mulatos" em campeonatos e competições de futebol. A oficialização de jogadores profissionais da classe proletária ocorreu apenas após 1923, tendo o time carioca Vasco da Gama servindo como referência para a profissionalização de homens pobres e negros (Broch, 2021).

Para o registro histórico da condição das mulheres enquanto jogadoras e/ou praticantes de futebol, resta-nos o Decreto-lei 3.199/1941 que buscou uma institucionalização e controle mais efetivo sobre a prática esportiva (Castellani Filho, 2013) e delimitou que às mulheres, por sua "natureza", deveriam ser impedidas de jogar esportes de impacto, como o futebol. Essa legislação demonstra como o sistema sexo/gênero é intrínseco e reflete a necessidade social de atrelar e normatizar a materialidade do corpo a funções sociais que precisam ser ensinadas e regimentadas na atual sociedade capitalista.

Para haver esse reforço social constante, havia então:

[...] o medo de que as mulheres tivessem êxito na prática de uma atividade que era destinada aos homens, tidos como superiores intelectual e fisicamente, criava um ambiente de tensão, considerando que os discursos legitimadores acerca das condutas e dos limites de cada sexo entravam em choque. Assim, a prática seguia a

continuidade através essencialmente da figura masculina, o jogador de futebol (Broch, 2021, p. 701).

Mesmo com a proibição legal da prática do futebol, pela repressão não ter como ser efetiva e constante para essa função de restrição, algumas mulheres praticavam o esporte mesmo não sendo permitido por lei (Broch, 2021). A institucionalização do sexismo representa a ação do patriarcado dentro da sociedade, onde instituições estão a serviço da projeção da subordinação da categoria mulher (Lerner, 2019). Essa ação pode ser exemplificada através dessa proibição destinada ao sexo feminino.

Segundo Broch (2021), foi a partir da década de 1970 que as mulheres puderam mais livremente praticar o futebol, que já era reconhecido como paixão nacional. No entanto, devido à socialização regressa de repressão, somente em 1983 foi regulamentada a modalidade feminina do esporte, resultado da luta e mobilização das próprias jogadoras. Logo, temos a seguinte comparação:

A primeira seleção masculina foi criada em 1914, já a primeira seleção feminina, foi formada pela Confederação Brasileira de Futebol, 70 anos depois, no ano de 1988. A Seleção Brasileira composta por mulheres disputou seu primeiro jogo em 1986. Os primeiros times femininos profissionais surgiram só a partir de 1993, como o paulista Saad e o carioca Radar. De toda forma, os quase 40 anos de proibição do futebol para as mulheres deixaram marcas na trilha histórica que o futebol feminino percorre no esporte, de modo que os reflexos disso ainda são, inevitavelmente, ainda muito bem visualizados e sentidos (Broch, 2021, p. 702).

A desvantagem no incentivo à prática do futebol no Brasil, direcionada para pessoas do sexo masculino e feminino, ocorreu de forma desigual e diferenciada, com o propósito de afirmar expectativas de gênero relacionadas à feminilidade e masculinidade. O entendimento de que determinadas práticas esportivas deixariam as mulheres com marcas de masculinidade, ao invés da feminilidade, cerceou o incentivo e o estímulo motor voltado para determinados esportes, inclusive o mais jogado no país, o futebol.

Essas marcas ainda perduram com a falta de motivação da prática destinada às mulheres, como os salários inferiores de atletas profissionais de futebol comparados aos homens (Souza; Ramalho, 2022). Assim, as marcas do sistema sexo/gênero se renovam e se recriam de distintas formas.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

aos objetivos propostos. Frisa-se aqui que a perspectiva do materialismo histórico-dialético parte do pressuposto de que o fenômeno deve ser compreendido em sua totalidade e não como uma ação autônoma ou casual. Por este motivo, toda a análise prévia à exposição dos resultados e das discussões serviu e serve de base para o entendimento social das discriminações direcionadas às mulheres na sociedade. Mesmo que esta pesquisa tenha sido restrita em sua amplitude, pois sua meta não é quantitativa dentro do método escolhido, ela serve para analisarmos uma parcela da sociedade que é influenciada por questões sociais, políticas e econômicas de forma ampla e aprofundada.

Após a coleta das respostas obtidas por meio do questionário, os resultados encontrados no presente trabalho serão apresentados e utilizaremos a categorização pós-determinada para análise das respostas. Dividimos as categorias em: A (falta de) habilidade das alunas nas aulas de futebol/futsal; Gênero feminino e o futebol/futsal e Educação Física Escolar e o incentivo do futebol/futsal

Para facilitar a leitura do(a) leitor(a), começaremos a exposição dos resultados com o quadro da anamnese contendo as doze respondentes dos questionários. Para manter o anonimato das colaboradoras, atribuímos a elas nomes fictícios e, com o intuito de homenagear jogadoras da seleção brasileira, escolhemos de maneira aleatória os nomes de algumas dessas atletas.

Quadro 1 – Anamnese das respondentes

Nomes	Raça/Cor
Tamires	Parda
Bia Zaneratto	Parda
Geyse	Parda
Andressa Alves	Preta
Antônia	Preta
Ary Borges	Parda
Duda Sampaio	Parda
Debinha	Preta
Kathellen	Preta
Lauren	Parda
Camila	Parda
Marta	Parda

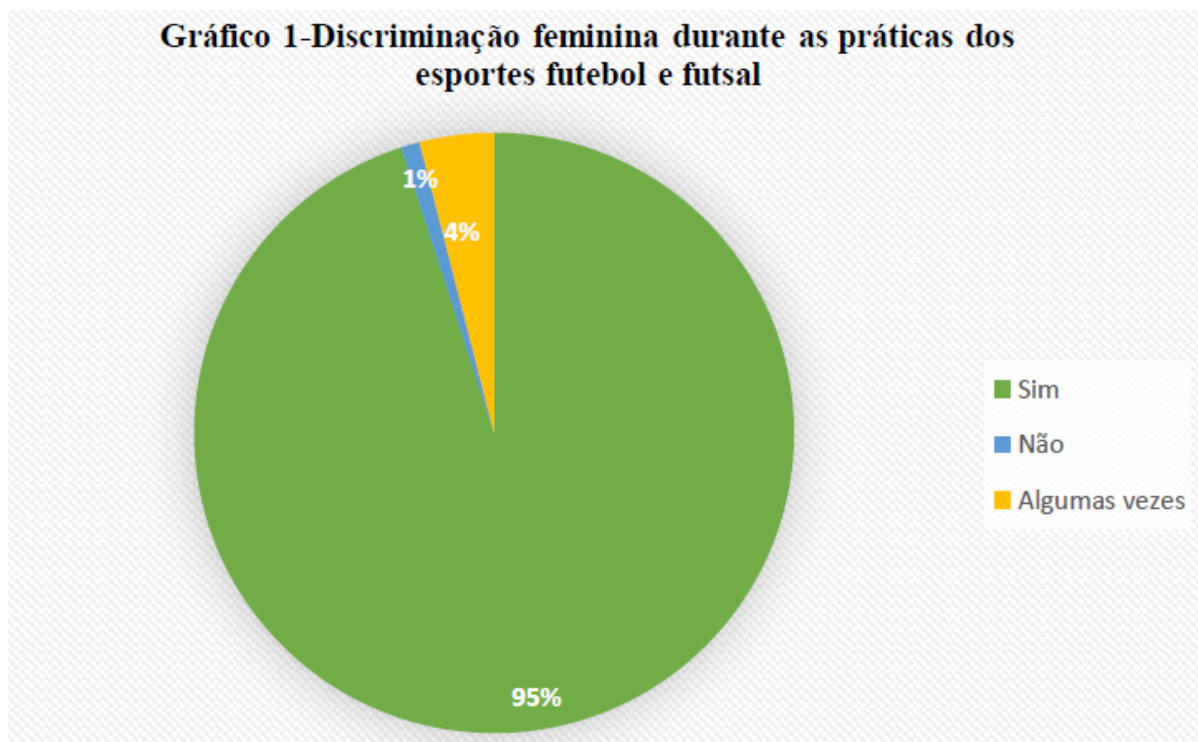
Fonte: Elaboração própria

### 5.1 A (falta de) habilidade das alunas nas aulas de futebol/futsal

O futebol e o futsal têm sido historicamente dominados pelo sexo masculino. Porém, recentemente, tem havido um aumento do interesse feminino nessas modalidades esportivas (Franzini, 2005). A busca pela igualdade de sexo/gênero e pelo espaço e permanência das mulheres dentro do esporte é constante. Conforme Fernandes e Altmann (2020), uma maneira significativa de ampliar a visibilidade e o envolvimento das meninas nos esportes consiste em apresentá-las desde cedo na escola. Isso ocorre porque, para além das habilidades técnicas e táticas, o futebol e o futsal podem trazer à tona diversas questões, incluindo o racismo, a homofobia e as relações de sexo/gênero, de forma a prevenir episódios de preconceito e discriminação.

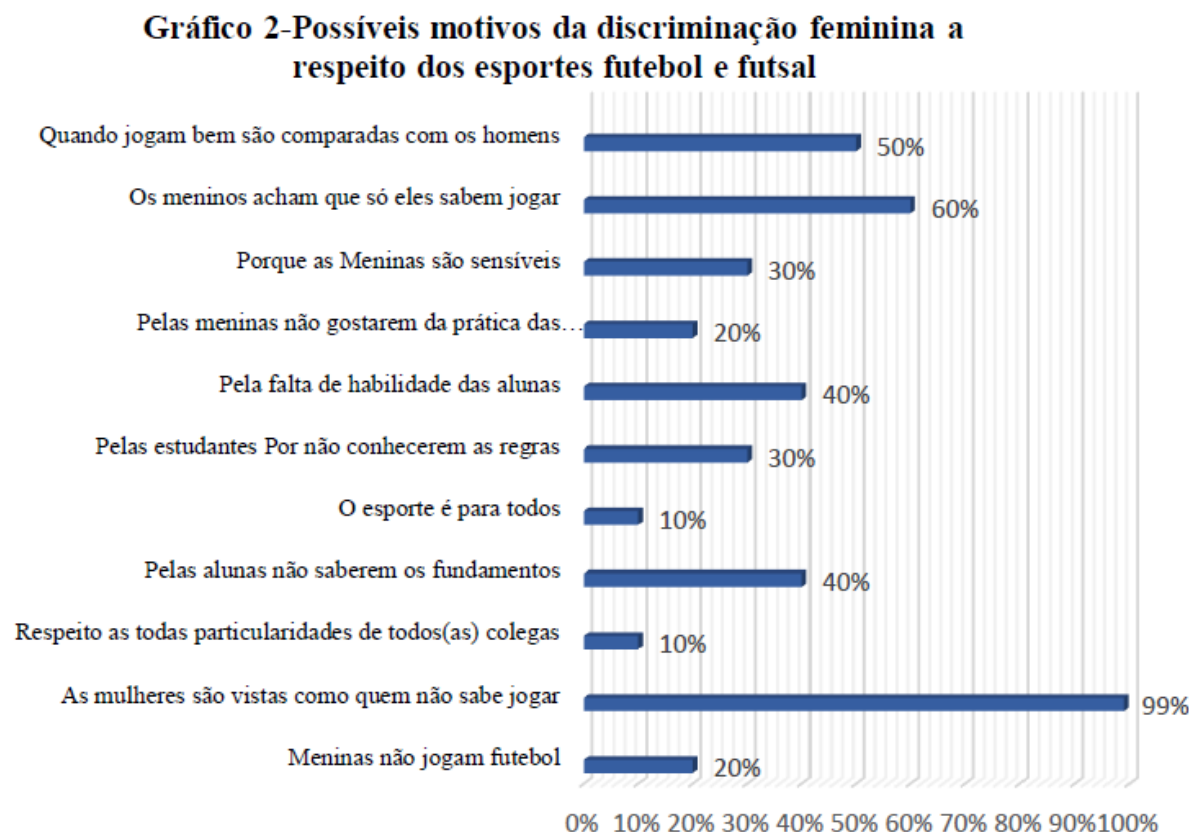
É notório que há uma percepção generalizada de que as alunas possuem menor habilidade em comparação com seus colegas do sexo masculino nas aulas de Educação Física em que o conteúdo seja o futebol e futsal (Souza Júnior, 2020). A falta de práticas pedagógicas que sejam participativas para todas(os), assim como a associação histórica do futebol ao universo masculino, contribuem para a exclusão das meninas, principalmente as menos habilidosas. A ausência de oportunidades para aprenderem e participarem da atividade acaba reforçando a falta de habilidade e o desencorajamento das meninas. Como resultado disso, muitas delas evitem praticar os esportes, seja na escola ou em momentos de lazer, pois acabam internalizando que a falta de habilidade é algo inerente ao seu sexo biológico (Souza Júnior, 2020). Isso faz com que muitas meninas comecem a aprender esses esportes mais tarde na vida, o que pode afetar seu progresso e desenvolvimento de habilidades.

No Gráfico 1, fica evidente a quantidade de acadêmicas pesquisadas que acreditam que existe discriminação e diferenciação em relação às mulheres durante a prática das disciplinas futsal e futebol na universidade:



Fonte: Elaboração própria

E no Gráfico 2 ressaltamos quais os possíveis motivos que levaram à grande porcentagem do gráfico anterior, segundo as próprias universitárias pesquisadas:



Fonte: Elaboração própria

É fundamental ressaltar que essas barreiras não são reflexos da capacidade inata das alunas, mas sim das circunstâncias que as envolvem nas atribuições dos papéis de gênero. À medida que a igualdade de sexo/gênero no esporte se torna uma prioridade em várias partes do mundo, as alunas



têm mais oportunidades para superar tais obstáculos. Programas de treinamento inclusivos, apoio da comunidade e incentivo a modelos de mulheres no esporte são passos indispensáveis para aprimorar a habilidade das alunas nas aulas de futebol e futsal.

Além disso, é importante ressaltar que a habilidade esportiva é uma questão de prática, dedicação e treinamento adequado. À medida que mais alunas se envolvem e têm a oportunidade de desenvolver suas habilidades, a disparidade de sexo/gênero nas aulas com o conteúdo de futebol e futsal pode se dissipar, permitindo que todos(as), independentemente do seu sexo, desfrutem dos benefícios e possibilidades do esporte e ampliem seu leque motor e suas formas corporais de expressão.

## 5.2 Gênero feminino e o futebol/futsal

Nesta categoria, analisaremos como a construção histórica da nossa sociedade influenciou o pensamento e comportamento das pesquisadas sobre o conceito de gênero. Como explicitado nos tópicos anteriores, as cobranças sociais destinadas aos sexos, marcadores de gênero, dificultou e dificulta algumas práticas esportivas para as mulheres, como as incentiva à outras.

De acordo com Sá (2021), distintamente, o início do esporte para os homens era uma prática considerada de elite, enquanto as mulheres que aderiram ao futebol eram de classes menos favorecidas da sociedade. Por essa razão, as jogadoras da modalidade eram chamadas de "grosseiras, sem classe e malcheirosas", demarcando uma relação crucial da prática do futebol com as relações de gênero que buscam inferiorizar mulheres ao se expressarem da forma livre.

Nesta pesquisa, as alunas delimitaram sua compreensão sobre a prática de futebol e futsal entre as mulheres, demarcando preconceitos sociais. Diversas interrogações foram colocadas por elas. Inúmeras são as justificativas apresentadas, evidenciando, sobretudo argumentos sobre o sexismo, estereótipo de gênero e igualdade de sexo/gênero. Diante das respostas apresentadas pelas alunas, nota-se que 11 (onze) das pesquisadas afirmaram perceber preconceitos associados às mulheres que praticam futebol/futsal. Apenas a respondente Andressa Alves informou não considerar preconceitos direcionados às mulheres.

Foram selecionadas algumas respostas para demonstrar as compreensões: 'As meninas sofrem preconceito como: são chamadas de machão, o termo vulgar maria sapatão, são excluídas dos jogos, pois futebol não é coisa de menina' (Bia Zaneratto);

Acredito que o lugar da mulher é onde ela quiser estar, inclusive dentro de campo/quadra e existe um preconceito, pois a sociedade ainda enxerga essa prática como voltada exclusivamente para homens. A mulher que joga futebol/futsal tem em grande escala sua sexualidade colocada em questionamentos. E ainda, há uma comparação entre as habilidades das mulheres e dos homens (Ary Borges).

'O fato de não sermos tão habilidosas' (Lauren); 'Sexismo: infelizmente, o preconceito de gênero ainda está presente em nossa sociedade' (Camila); 'Esse esporte é para menino/homem', 'menina não joga bola', 'mulher não sabe jogar futebol', 'homem joga melhor que mulher' (Marta).

Percebe-se como é latente a percepção de falta de feminilidade para as mulheres que jogam futebol/futsal. O que representa uma cobrança social pertinente durante os anos para a forma em que as mulheres devem se expressar para serem vistas como mulheres femininas. Como Souza Júnior (2020) demonstra, essa falta de vivência das mulheres é prejudicial para seu enriquecimento motor e possibilidades de expressão corporal.

Podemos concluir que há mulheres que têm conquistado seu espaço em esportes historicamente dominados por homens, modificando alguns dos marcadores de gênero e demonstrando que o futebol e o futsal feminino são vitais não apenas para a igualdade de sexo/gênero no esporte, mas também como um símbolo de possibilidades reais para futuras gerações de atletas mulheres ao redor do mundo. Porém, a desigualdade nesses espaços ainda se faz presente, como nos salários inferiores para as mulheres e a falta de apoio de patrocinadores. Percebe-se que ainda há muito que galgar para haver reais possibilidades igualitárias entre os sexos dentro do esporte e da sociedade.

### 5.3 EF Escolar e o incentivo do futebol/futsal

A questão da equidade de sexo tem sido um tema central no debate contemporâneo sobre igualdade e justiça social. Nesse contexto, é fundamental reconhecer e analisar a redução do que as estudantes vivenciaram plenamente em suas experiências, devido a questões relacionadas ao sexo/gênero. É relevante ressaltar que, frequentemente, nos deparamos com situações em que a discriminação do sistema sexo/gênero é evidente nas aulas de Educação Física. Segundo Romero (1994) *apud* Felipe (2020, p. 13),

A prática da Educação Física precisa ser a mesma para todos, permitindo que alunos e alunas possam ter equidade para vivenciar as mesmas atividades, porém, o que se nota na realidade são tratamentos diferenciados para os mesmos, na qual se intensifica a desigualdade notada na sociedade.

A Educação Física Escolar desempenha um papel importante na construção de atitudes e hábitos em relação aos esportes, tornando-se um espaço fundamental para promover a igualdade de sexo.

A desigualdade apontada pelo sistema sexo/gênero é bastante notória quando a temática é o futsal e futebol. Dessa forma, Acosta (2016, p. 26) complementa que:

Uma vez que o futebol explicita preconceitos e discriminações associadas à questão de gênero, o papel da professora se torna complexo ao ter de enfrentar e questionar algumas inflexibilidades encontradas na prática. As características utilizadas para desqualificar a prática do futebol pelas meninas vão desde a violência até a falta de habilidade, afastando-as das atividades predominantemente masculinas.

Pelo relato trazido pelas graduandas pesquisadas, e com o referencial teórico de aporte desse trabalho, percebe-se, que os(as) professores(as) de Educação Física têm a responsabilidade de criar um ambiente inclusivo. Além disso, a criação de algumas políticas educacionais que possibilitem a igualdade de oportunidades e a promoção de uma cultura esportiva inclusiva devem ser prioridades para educadores(as), gestores(as) escolares e formuladores(as) de políticas educacionais.

Observamos que duas das acadêmicas pesquisadas apontaram para a falta de estímulo da prática esportiva. O papel da Educação Física Escolar é o de reforçar a inclusão de meninas/mulheres no futsal/futebol. Como observamos nas falas a seguir: “um maior estímulo da participação das mesmas [SIC] e incentivar os homens/meninos a aceitá-las nos times e a jogar com eles mesmo que seja para aprender” (Debinha); “principalmente nas escolas, em aulas de Educação Física, é de suma importância ter professores que incentivem a prática desse esporte no público feminino” (Marta).

As aulas mistas na Educação Física devem ter a intenção de privilegiar as atividades para ambos os sexos, proporcionando igualdade de oportunidades. Mas nem sempre são aulas coeducativas, uma vez que a coeducação possui como finalidade levar o estudante a trabalhar iguais possibilidades e oportunidades, experimentando as disparidades e igualdades.

Conforme Souza Júnior (2020), as aulas de Educação Física devem disponibilizar para todos os alunos e alunas as mesmas práticas da cultura corporal, pois, caso contrário, o(a) estudante estará sendo impedido de aprender. Sendo a função da Educação Física possibilitar a prática, vivência e experimentação da riqueza da cultura corporal para todos(as) os(as) discentes de forma crítica (Soares et al., 1992), inviabilizar o conhecimento para qualquer grupo de estudantes rompe com o propósito pedagógico da Educação Física.

A equidade de sexo nos esportes de futebol e futsal no âmbito da Educação Física Escolar é uma questão que exige esforços contínuos para superar barreiras culturais e sociais profundamente arraigadas. Observa-se que tal equidade no futebol e futsal durante as aulas de Educação Física não beneficia apenas as meninas, mas enriquece a experiência esportiva de todos os estudantes, fomentando a igualdade e o respeito à diversidade de sexo/gênero.

As aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidade para que meninos e meninas convivam, observem-se, se descubram e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, a não reproduzir, de forma estereotipada, relações sociais autoritárias (Brasil, 1998, p. 42).

Por este motivo, a percepção de futuras(os) professoras(res) de Educação Física, questionadas nesta pesquisa, sobre a prática do futebol/futsal nos auxilia a analisar como os esportes estão sendo reconhecidos e praticados, uma vez que os(as) docentes também são responsáveis por levar esse conhecimento para o cenário escolar para alunos e alunas.

Destarte, infere-se que, as(os) docentes de Educação Física precisam garantir o oferecimento de aulas para todos(as), principalmente para aqueles(as) que enfrentam desafios no processo de aprendizagem. É importante proporcionar aos(as) alunos(as) não apenas esportes institucionalizados e padronizados, mas também uma variedade de atividades, de modo a permitir que eles(elas) experimentem a sensação de criar. Quando se trata de igualdade de oportunidades, deve-se pensar em atividades que abordem as dificuldades e promovam melhorias coletivas na prática, através das quais os(as) alunos(as) desenvolverão competências, capacidades e habilidades relacionadas às dimensões emocionais, cognitivas, sociais e psicomotoras e estarão sendo incentivados(as) a ajudarem uns/umas aos/às outros(as) e a respeitarem as particularidades de cada indivíduo.

## 6. CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

Este estudo teve como objetivo analisar o impacto do sexo/gênero, preconceito e discriminação feminina nas aulas de futebol e futsal na Unimontes, juntamente com questões relacionadas ao sexismo, que são cada vez mais evidentes à medida que esses esportes ganham destaque. Embora o futebol e o futsal estejam em ascensão, eles ainda são vistos como territórios historicamente dominados por homens, especialmente no contexto da Educação Física Escolar.

Os resultados revelaram uma série de obstáculos que restringem a participação das mulheres nessas práticas esportivas. Entre esses desafios, destacam-se a desigualdade de oportunidades, estereótipos de gênero, discriminação e falta de visibilidade. Observou-se também que para as pesquisadas há tratamentos diferenciados durante as aulas, refletindo percepções equivocadas sobre as habilidades das mulheres e contribuindo para a exclusão social durante a prática esportiva.

Além disso, foram identificados diferentes tipos de preconceitos reproduzidos nas aulas de futebol e futsal, incluindo machismo, sexismo e estereótipos de gênero relatados pelas graduandas que

participaram da pesquisa. Esses preconceitos perpetuam uma cultura de desigualdade e limitam o acesso das mulheres a oportunidades iguais no contexto esportivo.

Embora as mulheres estejam gradualmente ganhando espaço em esportes tradicionalmente dominados por homens, a desigualdade ainda demonstrou existir no contexto investigado, enquanto reflexo de padrões e normatizações sociais. As percepções equivocadas sobre as habilidades das mulheres e os tratamentos diferenciados relatados durante as aulas contribuem para uma experiência negativa e podem impactar negativamente sua motivação e engajamento no esporte.

Relacionar tais demandas e preconceitos enfrentados por este grupo de acadêmicas serve para mostrar como ainda são pertinentes e recorrentes os preconceitos, cerceamentos e violências destinadas às mulheres por serem do sexo feminino e por se esperar delas um perfil social de feminilidade que condiz com atividades e ações pacatas. Os espaços de educação institucionalizados refletem e são reflexos da sociedade em que estão inseridos.

Logo, esta pesquisa serve para mostrar que se as acadêmicas do curso de Educação Física percebem e vivenciam preconceitos na prática do futebol e futsal, isso demonstra que ainda há um reforço social para que esportes, ações e posicionamentos de alto impacto sejam destinados aos homens e não às mulheres. Com isso, indicamos mais pesquisas com um aprofundamento na compreensão de como o esporte pode servir como um importante marcador de desigualdade incentivado pelo sistema sexo/gênero, para que se criem estratégias, através dessas práticas, de reduzir e problematizar essas questões de forma consciente no espaço educacional.

## 7. REFERÊNCIAS

ACOSTA, Ayllu Duarte. **Educação Física e gênero: saberes da prática docente militante no estágio supervisionado da Universidade Federal do Rio Grande do**

**Sul**. 2016. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança. Porto Alegre, RS, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/157201/001018187.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso: 05 out. 2023.

ANJOS, Luiza Aguiar dos; RAMOS, Suellen dos Santos; JORAS, Pamela Siqueira; GOELLNER, Silvana Vil odre. Guerreiras Project: futebol e empoderamento de mulheres. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. e44154, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/8shcQYnCjtZTFXmP3pbZRNq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 out. 2023.

ANDRÉ, Soraia. Judô feminino: relato de uma história. **III Fórum de debate sobre mulher e esporte**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 69-71, out, 2004. Disponível em: <https://citrus.uspnet.usp.br/lapse/wp-content/uploads/anais/mulheresporte.pdf> Acesso em: 19 out. 2023.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. **Decreto-Lei no. 3199**, de 14 de abril de 1941. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1941. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm). Acesso em: 10 de abril de 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília. MEC / SEF, p. 1-115, 1998. Disponível em: <https://cptstatic.s3.amazonaws.com/pdf/cpt/pcn/volume-08-educacao-fisica.pdf>. Acesso em: 05 out. 2023.

BROCH, Marina. Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero. **Temporalidades**, v. 13, n. 1, p. 695-705, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/26283/27775> Acesso em: 07 Jun 2024.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física, esporte e lazer: Reflexões nada aleatórias**. Campinas: Autores Associados, 2013.

DAÓLIO, Jocimar. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em antas. In: DAÓLIO, Jocimar. **Cultura: educação física e futebol**. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003. p. 107-119.

DARIDO, Suraya Cristina. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 8, n. 2, p. 43-49, 2002. Disponível em: [https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/274129\\_Darido.pdf](https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/274129_Darido.pdf). Acesso em: 19 out. 2023.

DEVIDE, Fabiano Pires. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos**. 1 ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

FELIPE, Daniele de Andrade. **A influência do sexismo na prática de futsal: o futsalfeminino no ambiente escolar**. 2020. 53 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: [https://repository.ufrpe.br/bitstream/123456789/4062/1/tcc\\_danieledeandradefelipe.pdf](https://repository.ufrpe.br/bitstream/123456789/4062/1/tcc_danieledeandradefelipe.pdf). Acesso em: 05 out. 2023.

FERNANDES, Simone Cecilia; ALTMANN, Helena. A educação esportiva e gênero na escola pública: posicionamento docente positivo diante do fazer. In: WENETZ, Ileana; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa (org.). **Gênero e sexualidade no esporte e na educação física**. Natal: EDUFERN, 2020. (Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE, v. 6). Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/1/6222>. Acesso em 05 out. 2023

FRANZINI, Fábio. "Futebol é 'coisa para macho'? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol". **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n.50, p. 315-328, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/nTrFPFWwPkMTKPMmBmtRwCc/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 19 out. 2023.

IZQUIERDO, María Jesús; FREITAS, Marcel de Almeida. A construção social do gênero. **Sociais Direitos Humanos e Educação**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 245-274, 27 jul. 2022. Semestral. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sciasdireitoshumanoseducacao/article/view/6221>. Acesso em: 24 ago. 2023.

IZQUIERDO, María Jesus. Bases materiais do sistema sexo/gênero. Notas esparsas utilizadas em curso da SOF – Sempre Viva Organização Feminista. São Paulo, 1990. Tradução livre. Cássia Maria Carloto. 1992. São Paulo. Disponível: <https://anossapropriasubstancia.wordpress.com/2016/12/21/bases-materiais-do-sistema-sexo-genero-C2%B9/>. Acesso em: 31 ago. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed, São Paulo, Atlas, 2008.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

SOUZA, Gustavo Lopes Pires de; RAMALHO, Carlos Santiago da Silva. Futebol feminino: espaço em construção. **ACTA JURÍDICA PERUANA**, v. 3, n. 1, p. 75-91, 21 maio 2021. Disponível em: <http://201.234.119.250/index.php/AJP/article/view/250/224> Acesso em: 07 jun 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011

RUBIO, Katia; SIMÕES, Antônio Carlos. DE ESPECTADORAS A PROTAGONISTAS - A CONQUISTA DO ESPAÇO ESPORTIVO PELAS MULHERES. **Movimento (Esefid/Ufrgs)**, [S.L.], v. 5, n. 11, p. 50-56, 19 out. 2007. Publicação Contínua. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2484>. Acesso em: 31 ago. 2023.

SÁ, Juliana. **Decreto-lei que proibiu a prática do futebol feminino completa 80 anos**: atrasado por 40 anos, desenvolvimento da modalidade no país ainda sofre com falta de investimento. Atrasado por 40 anos, desenvolvimento da modalidade no país ainda sofre com falta de investimento. 2021. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/decreto-lei-de-proibicao-dapratica-do-futebol-por-mulheres-completa-80-anos.ghtml>. Acesso em: 29 set. 2023.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Coeducação Física e esportes**: quando a diferença é mito. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.

SOARES, Carmen Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; VARJAL, Elizabeth; CASTELLANI FILHO, Lino; ESCOBAR, Micheli Ortega; BRACHT, Valter. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira. Educação Física escolar e a questão de gênero. *In*: ALBUQUERQUE, D. I. de P; DEL-MASSO, M. C. S. **Desafios da educação física escolar**: temáticas da formação em serviço no PROEF [recurso eletrônico]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

VIANA, Aline Edwiges dos. Futebol: das questões de gênero à prática pedagógica. **Conexões**, [S.L.], v. 6, p. 640-648, 14 jul. 2008. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637864/5555>. Acesso em: 17 nov. 2023.

WITTER, José Sebastião. Futebol - um fenômeno universal do século XX. **Revista USP**, [S. l.], n. 58, p. 161-168, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33858>. Acesso em: 8 jun. 2023.

**Submissão: 28/02/2024**

**Aceito: 10/06/2024**

---

<sup>i</sup> O futsal e o futebol, embora compartilhem raízes históricas e fundamentos, apresentam particularidades distintas em seus contextos de surgimento e desenvolvimento, especialmente no cenário esportivo brasileiro. Segundo Viana (2008), dentro do contexto do futebol no Brasil, é possível perceber as relações entre os gêneros,

---

já que esse esporte é tradicionalmente associado ao poder masculino, o que é evidente que desde a infância, quando analisamos as diferenças entre as experiências feminina e masculina e a influência dos diversos agentes na construção dessas identidades. No que diz respeito ao sistema sexo/gênero, ambos os esportes enfrentam desafios relacionados ao acesso e à participação das mulheres. Logo, mesmo sendo esportes distintos, possuem uma base muito similar em sua prática, incluindo a distinção da prática entre homens e mulheres, sendo majoritariamente reconhecidos como esportes masculinos. Dessa forma, mesmo ciente de tais distinções, utilizaremos nesse trabalho os dois esportes como marcadores que expressam condições específicas relacionadas ao sistema sexo/gênero.